

MAINUMBY: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA QUE DESPERTE O HUMANO NO HUMANO

José Américo Santos Menezes*

Giovana Barbosa de Souza **

Susanne Charlotte Rotermund ***

*Professor no curso de licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Sergipe. Realizou formação em pedagogia Waldorf no Instituto Micael, em Aracaju.

E-mail: americoufba@gmail.com

**Mestre em Direitos Humanos e Processos Democráticos pela Universidade de Pádua, Itália.

E-mail souzagiovana57@gmail.com

***Formada em Educação Artística, com especializações antroposóficas. Atua na Associação Comunitária Monte Azul, em São Paulo, no desenvolvimento de seus colaboradores e, no Brasil, em cursos de formação antroposóficos. E-mail: susanne-rotermund@monteazul.org.br

RESUMO

O presente artigo faz parte da pesquisa sobre o percurso pedagógico criado pela Associação Comunitária Monte Azul, que visa a formação de educadores para atuar na rede de proteção básica e qualificar o trabalho de colaboradores e educadores da área social e comunitária. O artigo tem como objetivo central apresentar as bases epistemológicas que sustentam a metodologia implementada no curso de formação de educadores sociais (Mainumby), onde propõe fortalecer a essência do humano no ser humano a partir da Antroposofia. Para isso, o presente artigo expõe a trajetória de uma metodologia que atende as necessidades técnicas dos educadores sociais, trabalha recursos pedagógicos e amplia o repertório de ferramentas para atuação prática, resultando em um método que não está fechado e, sim, aberto às possíveis adaptações conforme as características dos territórios onde seja aplicado. Evidencia, também, a percepção de que a Formação Mainumby oferece uma novidade na forma do fazer pedagógico, representando uma grande contribuição para a Educação Comunitária, a Educação Popular e o cenário educativo em geral no Brasil.

Palavras-chave: formação de adultos; metodologia; Educação Comunitária.

ABSTRACT

This article is part of a research into the pedagogical path created by the Monte Azul Community Association, which aims to prepare educators to work in the basic protection network and qualify its employees and educators who work in the social and community area. The main objective of this article is to present the epistemological bases that support the methodology implemented in the training course for social educators (Mainumby), which proposes strengthening the essence of the human in the human being, based on anthroposophy. To this end, this article presents the trajectory of a methodology that meets the technical needs of social educators, presents pedagogical resources, and expands the repertoire of tools for practical action, resulting in a method that is not closed but open to possible adaptations according to the characteristics of the territories where it can be applied. It also shows that Mainumby Training presents a new way of pedagogical practice that represents a major contribution to Community Education, Popular Education, and the general educational scene in Brazil.

Keywords: adult training; Community Education; methodology.

Introdução

O Mainumby era a mais forte árvore da selva. Seu tronco, reto e vigoroso, destacava-se entre todos. Suas flores rudes não tinham beleza, porém isso pouco afligia o gigante, que se sentia feliz sob a carícia do sol de todas as manhãs. Certo dia, no entanto, abriu na mata uma nova flor, o Tolaz. Suas pétalas cor de sangue formavam uma taça que guardava um dulcíssimo néctar. Tão suave se apresentava a planta recém aparecida que o Mainumby, o orgulhoso senhor da selva, se enamorou. Pela primeira vez, o rijo tronco sentiu a dor de permanecer quieto, de estar sempre preso à terra. Tão grande foi seu desejo de ser somente flor, que suas raízes profundamente entranhadas no solo, pouco a pouco foram secando. Certa manhã o céu escureceu-se sobre a selva. Rugiu o trovão e a tempestade desabou com fúria incontida e o Mainumby pegou fogo, ardendo como uma tocha. O furacão arrebatou as suas flores e as levou consigo, para muito além das nuvens. Nas alturas, as flores se transformaram em pequenos pássaros. Sua plumagem, que conservava as cores do arco-íris, tinha reflexos do incêndio. Voaram em busca do Tolaz e continuam à procura incansável até hoje (Adaptado de Movimento Pindorama, 2005).

Esta lenda do Mainumby, nome pelo qual os guaranis conhecem o beija-flor, reflete a busca do curso Mainumby de formação de educadores sociais, que é operacionalizado pela Associação Comunitária Monte Azul por meio de uma metodologia que substitui antigos métodos de formação, com o princípio enraizado da transmissão teórica de conhecimentos por novos, em que a própria formação/transformação dos educadores se coloca a serviço do vir a ser humano.

A Associação Comunitária Monte Azul, criada em 1979, é uma organização não governamental que atua orientada pelo pensamento antropológico e tem como meta favorecer o desenvolvimento integral do ser humano. A instituição dedica-se ao atendimento da população das comunidades Monte Azul, bairro Horizonte Azul e distrito São Luís, localizados na região sul da cidade de São Paulo, onde realiza suas atividades nas áreas da educação, assistência social, saúde, cultura e meio ambiente, colaborando com a população de baixa renda e alta vulnerabilidade social.

O curso de formação Mainumby nasceu para instrumentalizar os educado-

res comunitários da associação a partir dos fundamentos da Pedagogia Waldorf antroposófica. Essa formação se desenvolveu, desde seu início, a partir de dois compromissos norteadores: atender às necessidades dos educadores e empoderá-los em seus potenciais a partir dos seus saberes. Ao longo do tempo, este trabalho se metamorfoseou e amadureceu um dos mais importantes princípios da instituição: o atendimento educacional da comunidade realizado por seus próprios integrantes.

Durante seu percurso histórico, o curso de formação de educadores sociais Mainumby precisou acompanhar as transformações sociopolíticas do país, atendendo às exigências do cenário legal no campo social e educacional desde 1980, e mantendo o princípio de oportunizar à comunidade o espaço para a educação de seus próprios membros. Essa longa trajetória pedagógica encontrou, em 2024, uma parceria com a Faculdade Rudolf Steiner, quando o curso inaugurou o formato de pós-graduação *lato sensu*.

O presente artigo integra uma série de trabalhos elaborados pela equipe de pesquisa do curso de formação Mainumby e disponibilizados na *Revista Jataí*, com o objetivo de compartilhar uma experiência robusta em pedagogia comunitária e trazer à luz os princípios que fundamentam sua metodologia. Seu propósito é contribuir para a busca de novos caminhos no processo de ensino-aprendizagem nos campos não formal e formal.

Este é também o relato do resultado de um sonho que, para se materializar, exigiu resistência na forma de empatia, solidariedade, diálogo, trabalho coletivo e, sobretudo, a compreensão da dignidade humana como um direito essencial e inviolável. Trata-se de um sonho construído por pessoas que, ao se depararem com a vulnerabilidade humana fruto do capitalismo, decidiram construir ações que se converteram em um processo pedagógico traduzido na concretização do curso de formação de educadores sociais - Mainumby. Dessa forma, este processo dinâmico foi se constituindo em uma metodologia a partir de bases antroposóficas, mas se mantém em movimento para acolher os desafios das diferentes realidades.

Neste artigo, o leitor será situado sobre a Associação Comunitária Monte Azul, a origem do curso Mainumby, os impulsos que motivaram seu nascimento, bem como as bases inspiradoras de sua metodologia.

1. Mainumby: germinando pérolas

Em momentos tranquilos, eu sentava-me em um barranco na favela, rodeada de crianças de todas as idades, e conversava com uma mãe ou outra. Então, muitas vezes, lembrava-me das palavras de um morador: “existem muitas pérolas escondidas na lama” e recordava histórias que meu pai me contava todas as noites, principalmente o conto dos Irmãos Grimm “Branca de Neve e Rosa Vermelha”, em que um urso surpreende uma viúva e suas duas filhas em sua cabana. Uma delas percebe, bem no fundo da pele coberta de neve, um brilho dourado, sua verdadeira natureza escondida (Craemer, comunicação pessoal, 2025).

Estas memórias ilustram uma visão de mundo e do ser humano que impulsionou e acompanhou o caminho de vida e encontro de inúmeras pessoas: a Associação Comunitária Monte Azul nasceu destes encontros. Os fundadores – Ute Craemer, Renate Keller e Paulo Ignácio – traziam como princípios intrínsecos a convicção de que toda pessoa é mais do que sua aparência e a certeza de que cada indivíduo carrega uma essência invisível, um potencial latente que almeja desenvolver e projetar no mundo, antecedendo qualquer estudo teórico e fundamentando o trabalho da Monte Azul. A pedagoga Waldorf alemã, Ute Craemer, estabeleceu sua atuação em São Paulo em 1971, como professora da Escola Higienópolis (hoje Escola Waldorf Rudolf Steiner). Mobilizada pela vivência diária de ver crianças pedindo nas ruas e nas portas, Ute iniciou, em 1975, em sua própria casa, um trabalho com crianças da favela do bairro Jardim Monte Azul, onde residia. Movida pela convicção de que pontes entre as classes sociais poderiam provocar um processo sanador para o Brasil, convidou seus alunos a colaborar, organizando atividades para as crianças. Com alegria e entusiasmo, eles passaram a oferecer atividades recreativas duas vezes por semana em sua casa, experiência que deixou profundas marcas em seus ex-alunos sobre a importância de ajudar outras crianças.

Quando, em 1978, quarenta crianças frequentavam diariamente estas atividades, Ute decidiu procurar um terreno para construir aquilo que um ano mais tarde se tornaria a Associação Comunitária Monte Azul. Foi nesse período que conheceu Paulo e Renate, futuros amigos e parceiros de caminhada na fundação

e trajetória do trabalho, e que nutriam o interesse por promover melhorias na vida das pessoas e na sociedade.

Ute, Renate e Paulo gestaram ideias e preocupações sobre uma transformação possível, visando, em primeiro lugar, às crianças e jovens, às necessidades e potencialidades da comunidade, mas também olhando para os grandes contextos sociais, culturais e políticos do Brasil e do mundo. Essa visão de mundo encontra, sem dúvida, sua inspiração e identificação com os fundamentos teóricos da Antroposofia de Rudolf Steiner, que já era uma referência relevante na biografia dos três, e isso explica a escolha pela Pedagogia Waldorf como base do trabalho educativo em seu eixo metodológico.

Ute, assim como Renate e Paulo, se identificavam com as ideias de Steiner, sobretudo com a proposta da Trimembração Social e os princípios da Pedagogia Waldorf e assim consideraram como objetivo os conhecimentos da Antroposofia para o trabalho social e fazer encarnar o impulso antroposófico na vida prática de uma realidade existencialmente vulnerável. Isto é, trilhar um caminho que conta com a certeza da existência de um mundo espiritual e que dá uma importância inestimável a cada única alma humana. Seria desenvolver linguagens e maneiras que possibilitassem compreender e praticar a Antroposofia com pessoas também pouco estudadas: nem sempre usando suas FORMAS habituais, mas sim, buscando inspiração na ESSÊNCIA (Rotermund; Evangelisti; Menezes, 2022, p. 35)¹.

A Pedagogia Waldorf considera aspectos físicos, anímicos (psiquê) e espirituais (essência) do ser humano que se encontram em desenvolvimento por toda vida e propõe intervenções pedagógicas que visam proporcionar o fortalecimento da vontade, o amadurecimento dos sentimentos e a formação de um pensar claro e autônomo, assim como autoconfiança forte, interesses amplos e atuação criativa, solidária e consciente no mundo. O filósofo austríaco Rudolf Steiner fundou esta pedagogia em 1919 como uma escola para todas as classes sociais, em

1. Para saber mais sobre a gestão e implementação da Associação Comunitária Monte Azul, veja o citado artigo na íntegra *Monte Azul: a busca por um transformar possível*, publicado pela *Revista Jataí*, Volume 4, 2022. Disponível em: <https://frs.edu.br/wp-content/uploads/2022/10/Revista-Jatai-online-final-1-03-10-2022.pdf> Acessado em 23/06/2025.

especial para as filhas e filhos dos operários da fábrica Waldorf Astória, com o intuito de impulsionar na Europa, destruída pela Primeira Guerra Mundial, a construção de uma sociedade mais pacífica e justa. Ele havia elaborado ideias para a reestruturação da sociedade, a assim chamada Trimembração do Organismo Social, baseada nos ideais da Revolução Francesa, reivindicando liberdade para a esfera cultural-espiritual, igualdade para a esfera jurídica e política, e fraternidade para a esfera econômica. Essas ideias, apresentadas às lideranças políticas da época, porém não aceitas, deveriam encontrar na Escola Waldorf uma primeira ação social concreta.

A Pedagogia Waldorf, a princípio destinada a crianças de todas as classes sociais, desenvolveu-se no Brasil em escolas elitizadas; porém, na Monte Azul retoma suas origens. A imagem saudável do ser humano em desenvolvimento à luz da Antroposofia pôde estar presente em ambientes educacionais onde as circunstâncias sociais, políticas e estruturais para a saúde física, emocional e espiritual, eram desfavoráveis. As leis do organismo social, segundo a Trimembração Social, muito estudadas e discutidas em ambientes antroposóficos, foram experimentadas na prática e mostraram, ainda que de forma embrionária, sua viabilidade (Rotermund; Evangelisti; Menezes, 2022, p. 37).

Esse breve relato histórico sobre as raízes dos impulsos socioeducacionais da Pedagogia Waldorf implicados no favorecimento de uma sociedade mais pacífica e justa, tem o propósito de evidenciar as bases inspiradoras da criação do curso de formação de educadores comunitários e os fundamentos que subsidiaram a construção do currículo e, principalmente, da metodologia (que permanece em movimento) para implementação da formação Mainumby.

Portanto, como o propósito do presente artigo é trazer à superfície fundamentos e princípios da metodologia empregada no curso de formação de educadores sociais Mainumby, torna-se necessário apresentar algumas categorias norteadoras importantes, a exemplo da compreensão adotada sobre a formação de educadores, categoria também inspirada pelas ideias de Rudolf Steiner.

2. A formação de professores: pressupostos antroposóficos

A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 2016, p. 19).

Na obra de Rudolf Steiner, está muito presente a formulação de ideias sobre uma formação de professores que pudesse dar impulsos e diretrizes para a atuação pedagógica. A Escola Waldorf deveria ser uma “ação realmente cultural” (Steiner, 2022), com o propósito de reformar o ensino e a sociedade enquanto movimento social como um todo a partir de uma visão de mundo que encontra sua origem na essência do espírito de cada ser. Ele adverte para a tendência educacional da época:

A política, a atividade política de agora se manifestará vindo a tratar as pessoas de modo estereotipado, vindo a tentar muito amplamente como jamais antes, enquadrar o ser humano em padrões. Tratará o ser humano como um objeto manipulado como uma marionete e terá a ilusão de que isto significa o maior progresso inimaginável (Steiner, 2022).

A proposta educacional que ele mesmo denomina como “a nossa mais elevada tarefa” é “formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas” (Steiner, 2022).

Ao longo de sua biografia, Steiner elaborou e atualizou suas ideias sobre a formação de professores, sempre reagindo a contextos em que ele vivia. Kiersch (2021) mostra esta trajetória de Steiner e evidencia quatro propostas diversas e complementares.

A primeira foi a que, entre 1888 e 1899, ainda como estudante universitário e depois como autor de livros e revistas, Steiner propôs, para toda a formação pedagógica de Educação Superior, um ensino amplo cultural-histórico-estético, exigiu liberdade acadêmica para lecionar e estudar e considerou a personalidade do docente como meio educativo mais importante e eficiente do que qualquer transmissão de conhecimento abstrato.

A segunda ideia foi proposta em 1919, quando Steiner proferiu três palestras para uma Pedagogia Popular (Steiner, 2020), em meio à luta por uma refor-

ma social no sentido dos ideais da trimembração do organismo social desenvolvidos por ele. Nelas concebeu que a universidade deveria representar um recorte da vida na qual o estudante deveria ser preparado concretamente para ela, tendo oportunidades para trabalhar fisicamente e com responsabilidades, aprender sobre finanças, indústria, comércio e agricultura, e conquistar uma visão política ampla. “A ampliação da consciência social por meio da atividade econômica (trabalho para os outros) e por meio da atuação na vida jurídica (organização comunitária desse trabalho) é vista por Steiner como um meio de reconduzir a formação de professores à vida” (Kiersch, 2021, p.36).

A terceira contribuição ocorreu entre 1919 e 1923, período em que aconteceu a construção da primeira Escola Waldorf, e Steiner proferiu numerosas palestras sobre os conceitos básicos da antropologia antroposófica, dando também orientações metodológicas e didáticas para a prática pedagógica, assim como para a autoeducação do professor. Nesta fase, o aprofundamento meditativo, para tornar os conceitos vivos para sua aplicação em sala de aula, foi o caminho central da formação pedagógica. Ele realçou a importância educativa de o professor se perceber como alguém que busca, ao invés de alguém que tem certezas, pois, no processo da busca, nasce a possibilidade do encontro com o novo, e é onde está a possibilidade tanto do educador como do educando de despertar suas potencialidades latentes.

Um quarto esboço de Steiner para a formação de professores Kiersch (2021) denomina como “Pedagogia e Arte” e resultou das experiências adquiridas nos primeiros anos de construção. Nasceram ideias para uma formação específica de professores Waldorf na qual o saber prático das artes como ferramentas pedagógicas foi elaborado. Seguindo o princípio pedagógico do professor como quem tem um domínio prático e não somente teórico, ele retomou as sete artes livres medievais², trazidas para um contexto atual (Kiersch, 2021).

Neste percurso de Steiner, destacamos a importância de um curso de formação estimular o professor para 1) atuar como personalidade (com autenticidade); 2) ter conhecimento amplo, desde a história e cultura geral, passando pela

2. *Septem artes liberales* que compreendiam gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música e astronomia. Nota dos autores.

compreensão do funcionamento da sociedade até a compreensão do desenvolvimento humano à luz da antropologia antroposófica; 3) conviver com os assuntos antroposóficos de forma meditativa e cultivar a incerteza por meio de perguntas; 4) ser uma pessoa da prática que esteja ativamente inserida na vida e que tenha domínio artístico. Uma escola não deveria ser apartada da vida, mas estar inserida nela e, sobretudo, preparar os estudantes para ela no mais amplo sentido. A essência da formação seria oferecer espaços para que os (futuros) professores se descubram e desabrochem como individualidades criativas dentro de contextos coletivos a serviço do desenvolvimento das crianças e dos jovens.

É necessário enfatizar que esta perspectiva formativa proposta por Steiner é consequência da compreensão sobre a natureza humana e seu desenvolvimento, aspecto que trataremos no item a seguir.

3. O educador como artista para o vir-a-ser humano

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem (Freire, 1996, p.53).

Uma das maneiras de elucidar os diversos aspectos do ser humano em desenvolvimento à luz da Antroposofia é relacioná-los com os quatro elementos. O elemento terra constitui o corpo físico, sua materialidade; suas qualidades são: densidade, peso e espacialidade. Fazendo uma analogia, o corpo físico representa os tijolos para a construção da arquitetura corporal. O elemento água está presente em todos os líquidos e processos fisiológicos e é responsável pela saúde e crescimento, ou, na sua diminuição ou ausência, por doença e morte. Esta esfera é denominada corpo vital ou etérico e suas qualidades são temporais e processuais. Na imagem da arquitetura, o corpo vital representa os processos que colocam tijolo sobre tijolo ou, no seu enfraquecimento, o desmoronamento. O elemento ar se manifesta nos aspectos invisíveis e mutáveis das emoções, percepções sensoriais e pensamentos; é o assim chamado corpo astral ou anímico. Na simbologia da construção representa a instância que faz o projeto, que impulsiona e inspira. O elemento fogo representa a chama interior, a essência, a individualidade, o Eu. Ele é responsável por transformações profundas e autênticas. Na analogia da

casa, ele é o morador, é quem causa o projeto e construção da casa. Sem tijolos e sem processos de construção não haveria casa, mas sem projeto e comando a construção nem se iniciaria, e sem o morador não existiriam motivos para a construção.

Podemos observar, na formação rochosa, que ela, antes de solidificar, passa por um estado líquido. Também podemos reconhecer em formações orgânicas, como conchas e ossos, os movimentos da água. Isso demonstra que o movimento antecede a forma e podemos supor que alguma causa antecede o movimento.

Desta maneira, a cosmovisão antroposófica mostra um caminho evolutivo não ascendente (matéria, vida, sensibilidade, inteligência), mas um que conduz do espiritual ao material: uma entidade cósmica (a individualidade) causa um projeto, este impulsiona a vida, e esta movimentada a matéria.

Rudolf Steiner (2016) descreve que o desenvolvimento humano ocorre porque o Eu enquanto organização suprasensível permeia gradualmente os demais corpos: quando permeou o corpo físico, este amadureceu para nascer; quando permeou o corpo etérico, os processos vitais foram capazes de substituir todas as células herdadas pelos pais em células próprias, concluindo esta etapa com a troca dos dentes; quando o Eu permeou o corpo astral, ocorreu a maturidade sexual. Porém, surpreendentemente, Steiner observa que esta permeação pode acontecer com força demasiada ou amena, tendo como consequência que a criança ou o jovem não desenvolve um pensar realista ou um pensar criativo, duas capacidades necessárias e complementares (Steiner, 2016).

Assim, educar tem como objetivo “estabelecer um modo de interagir onde os estudantes descubram seu caminho próprio de aprender, sem que a educação oprima sua expressividade inerente” (Bach, 2012). Quem educa presta serviço de “parceiro pedagógico” (Schneider apud Bach, 2012).

As crianças e os jovens dependem de adultos que proporcionem um desenvolvimento saudável: um ambiente seguro (âmbito físico), ritmos saudáveis como horários equilibrados para alimentação, sono e atividades (âmbito vital e temporal), relações afetuosas e vínculos verdadeiros (âmbito anímico), assim como vivências ou atividades com conteúdos condizentes a cada idade e que estimulem e alimentem o desabrochar de individualidades (âmbito do Eu).

É necessário considerar que muitas crianças e jovens crescem em situações desfavoráveis, ambientes insalubres, em meio a relações violentas e injustas, passando fome ou se alimentando de forma desequilibrada. Essas realidades são causas de defasagens diversas de desenvolvimento e de múltiplos traumas, dificultando ou impossibilitando que essas individualidades possam desabrochar da melhor maneira. Esse é o caso de inúmeras crianças e jovens brasileiros atendidos por educadores sociais ou comunitários que são desafiados a proporcionar condições que amenizem os impactos negativos e que fortaleçam as individualidades.

Steiner (2016) argumenta que a educação deve criar as condições necessárias para que o potencial oculto de cada criança possa se desenvolver plenamente. Ele vê o trabalho pedagógico como uma tarefa voltada para o futuro, que visa preparar a próxima geração.

O pensar científico só pode ensinar a partir do passado, o trabalho pedagógico, no entanto, deve trabalhar com o vir a ser. O propósito é não educar alguém para se tornar, por exemplo, um botânico, mas proporcionar, por meio das aulas, que ele se torne o que, em forma de potencial, já vive nele. O professor deve perceber a criança a partir do conhecimento do ser humano em desenvolvimento, de tal maneira que o conhecimento se transforme em órgão de percepção³, mas é no trabalho com as crianças que o saber dar aula é forjado. “Durante a vida, o que tem valor não é o saber pronto, mas o trabalho que conduz a ele” (Steiner, 2016, p.20).

É no contato com os impulsos das crianças que a vida pedagógica brota e o professor deve ter toda humildade em relação às próprias capacidades e seu próprio desenvolvimento profissional.

Esse tipo peculiar da mais íntima modéstia, este sentimento do próprio vir a ser, é algo que deve sustentar o professor; pois de tal sentimento emana mais do que quaisquer princípios abstratos. Se na sala de aula procedermos com a consciência de que é bom fazer tudo de modo imperfeito, pois é assim que tudo possui vida, então estaremos ensinando bem. Mas se, ao contrário, na sala de aula estivermos embevecidos com nossa

3. Aqui Steiner se refere a um conhecimento que não é mera aquisição de teoria, mas um conhecimento que, com a vida prática e a meditação, se impregna no ser da pessoa.

própria perfeição pedagógica a ponto de lamber os dedos de satisfação, então certamente estaremos ensinando mal (Steiner, 2016, p. 20-21).

Para o educador, é importante aprender a lidar com o imponderável. É na busca por soluções que ele aprende para cada situação. É a própria busca de quem educa que ensina mais para a vida do que todo conhecimento pronto. O novo – os impulsos para o futuro – não vem pronto, ele deve ser criado, e é na criação que individualidades – dos professores e das crianças – florescem. Não podemos ter certeza do novo; por isso, trabalhar com as dúvidas e com as perguntas é um princípio educativo. Nesse sentido, o ponto de partida para toda construção de caminhos deve ser sempre a realidade ou a situação concreta em que o aluno ou a turma se encontra e o tatear do vir a ser.

Com esse percurso sobre a síntese das ideias de Steiner no tocante à formação de professores(as), tivemos a intenção de trazer à superfície os fundamentos, as inspirações e orientações que balizam a metodologia da formação de educadores sociais Mainumby.

4. Fundamentos e trajetória do Mainumby

O primeiro curso de formação de Educadores Comunitários (1980) surgiu junto com as primeiras creches da instituição, sob a coordenação de Renate Keller. Para impulsionar mudanças significativas, os fundadores consideravam necessário um curso que se estruturasse a partir de uma relação dialógica entre os fundamentos/princípios da Pedagogia Waldorf e as experiências de vida e a realidade dos participantes.

A escolha por este percurso requereu um mergulho na realidade local, um tornar-se parte dela, reconhecendo as necessidades dos moradores e as causas e consequências sutis advindas das desigualdades sociais, para só então propor a busca conjunta por soluções. Esta jornada proporcionou encontros verdadeiros entre seres humanos, onde o ouvir foi capaz de devolver a dignidade perdida e o falar foi capaz de empoderar para a própria transformação; onde o papel tradicional do professor que ensina e do aluno que aprende foi substituído pelo

princípio de aprendizagem mútua. O curso se tornou a união de saberes práticos e teóricos inserida na convivência saudável, onde foi de todos o exercício da autoeducação entre o caminhar autônomo e a interdependência (Rotermund; Evangelisti; Menezes, 2023, p. 21).

Assim, o curso para Educadores Comunitários, que constituiria mais tarde o curso de formação Mainumby, teve suas origens nos princípios e trabalhos pedagógicos e comunitários da Associação Comunitária Monte Azul. A intencionalidade pedagógica desse percurso era apoiar e instrumentalizar o trabalho educacional realizado por membros da comunidade que não possuíam formação convencional para isso, embora fossem exemplos vivos de resiliência, sendo migrantes em busca de liberdade e melhores condições de vida⁴.

Um ponto importante nessa trajetória que merece ser ressaltado é o fato de que o curso foi motivado pela demanda das comunidades atendidas e pelo anseio dos colaboradores por conhecimento e desenvolvimento. Após duas décadas, ressaltou o desejo e a necessidade de institucionalizar a formação e oferecê-la para os educadores das demais áreas pedagógicas da associação, assim como para outras instituições sociais de São Paulo. Desta maneira, ao longo do tempo, a Monte Azul foi ampliando suas experiências e aprendizados na formação de adultos, afirmando uma metodologia própria, culminando, em 2001, nos cursos de formação Mainumby e, em 2024, no curso de Pós-graduação para Educadores Comunitários.

O curso de formação Mainumby buscou, em todo seu percurso, conviver e se construir a partir das seguintes problematizações norteadoras: Quais seriam as estruturas, processos e maneiras de relacionamento que melhor atenderiam ao propósito da formação? Como melhor proporcionar o desabrochar dos participantes? Quais seriam os conteúdos indispensáveis para educadores sociais e como transmiti-los para que apoiassem de fato a educadores que trabalham na

4. Para saber mais sobre as origens do curso de formação, veja o artigo Monte Azul: sementes para a tecitura de uma sociedade mais saudável”, publicado na Revista Jataí, vol.5. Disponível em: https://frs.edu.br/wp-content/uploads/2023/11/Jatai-5_tela.pdf. Acesso em: 22/05/2025.

proteção básica e especial⁵ ou em escolas públicas, tendo como alunos ou atendidos crianças e jovens que vivem em situações extremamente difíceis e muitas vezes traumatizantes? Como coordenar o curso de uma forma horizontal, considerando uma diversidade de capacidades e saberes? Como lidar com o financiamento do curso e possibilitar que toda pessoa interessada pudesse participar?

Entre 2001 e 2012, as aulas aconteciam na sequência: palestra, aula de arte e grupos de interesse, sendo que palestras e aulas de arte foram conduzidas por docentes convidados do meio antropológico e os grupos de interesse por pessoas experientes da Monte Azul. Encontramos como princípio estruturante a trílogia: pensar (palestra), sentir (arte) e agir (trocas sobre a prática).

A partir de 2013, ocorreu uma mudança significativa, introduzindo uma metodologia baseada nos sete processos da aprendizagem do adulto e que tem por princípio a construção do conhecimento a partir da vivência, retomando, assim, por meio do estudo da obra *Formação de adultos como despertar da vontade*, de autoria de Van Houten (1993), um princípio que já estava presente nos anos 1980, inspirado intuitivamente. Os sete processos da aprendizagem apoiam-se nos processos da vida: respiração, aquecimento, digestão, segregação, manutenção, crescimento e reprodução. Eles propõem a sequência de passos metodológicos: introdução de uma temática (inspiração), despertar do interesse (aquecimento), provocação, envolvimento e discussão (digestão), conceitualização individualizada (segregação), realização de relações do conteúdo com a prática pedagógica (manutenção), cultivo e exercitação do aprendizado na vida (crescimento) e criação de novos caminhos pedagógicos (renovação/reprodução).

Nesta fase, a coordenação do Mainumby procurava convidar uma diversidade maior de docentes, valorizando múltiplos conhecimentos e dando voz a pessoas muitas vezes invisibilizadas, portadoras de ricas experiências e sabedoria de vida. As dinâmicas artísticas passaram a ocupar um lugar de ferramenta para vivenciar os conteúdos e como ponto de partida para a construção individualizada do conhecimento. O conhecimento construído deveria impulsionar uma atuação profissional criativa.

5. Rede de Proteção Básica é uma expressão usada para se referir ao conjunto de órgãos, entidades e profissionais que trabalham de forma articulada para garantir os direitos e o bem-estar de crianças e adolescentes, protegendo-os de situações de risco e violência.

Para a concepção da pós-graduação, que iniciou em 2024 em parceria com a Faculdade Rudolf Steiner, foram incorporados aos sete processos da aprendizagem um plano pedagógico que tem como estrutura os quatro elementos como arquétipos do desenvolvimento humano, como descrito acima. Ao longo do curso, o participante perpassa e permeia, pelos temas abordados, os âmbitos físicos (espaço, temas do pertencimento), etéricos (temporal, temas do desenvolvimento humano) e anímicos (temas das ferramentas pedagógicas) na busca gradual do autopartejamento do Eu a serviço da construção de um mundo mais pacífico, diverso, justo e solidário (temas da formação comunitária).

Em todo o processo, a coordenação e a administração do curso Mainumby foram conduzidas de forma coletiva, com reuniões semanais para estudos, preparação e avaliação, envolvendo coordenadores experientes das áreas pedagógicas da Monte Azul. Nas edições com financiamento, havia uma coordenadora administrativa e, no Mainumby I (2001–2003), uma coordenadora pedagógica externa. A intenção foi garantir que todas as pessoas interessadas pudessem participar do curso, levando em consideração a baixa remuneração dos educadores sociais. O curso em formato de pós-graduação conta com um parceiro financeiro e cada aluno contribui com um valor que corresponde à sua realidade econômica; assim se manteve a intenção de garantir acesso a todos os interessados. A organização administrativa se dá em parceria com a Faculdade Rudolf Steiner.

5. Mainumby: em busca de uma metodologia que desperte o humano no ser humano

A imagem das pérolas escondidas na lama me dava força em situações extremas, como na convivência com jovens delinquentes. Eu pensava como era possível que um jovem que xinga, rouba, machuca e bate, que vivencia crueldades na prisão e anda com um revólver para matar se precisar, como um jovem assim pode, ao mesmo tempo, se dedicar com tanto amor à criação de cartões de batique em minha casa? Como podem a crueldade e a beleza coexistir tão próximas na mesma alma? É por isso que gosto da definição: “A Antroposofia é a consciência de sua humanidade (Menschlichkeit)”, pois essa consciência pressupõe um esforço para desenvolver um olhar que almeja enxergar o invisível, o oculto em tudo. Voltando à imagem da

pérola na lama: existe muita lama, tanto em volta do cerne espiritual do ser humano quanto em organismos vivos, como instituições. Enxergar a pérola, apesar de tudo, é nossa tarefa. Assim, nunca perderemos a esperança (Craemer, comunicação pessoal, 2025).

Esta reflexão de Ute Craemer resume, em essência, o propósito da metodologia do Mainumby: sempre ter em mente o cerne espiritual de todo ser humano, e isso no encontro e trabalho concreto com qualquer ser humano. Essa compreensão parte da premissa de que o ser humano não está determinado exclusivamente pela herança e pelo ambiente, mas também pela resposta que do seu interior é capaz de realizar, em forma única e pessoal, a respeito das impressões que recebe; considera que o ser humano ao nascer é portador de um potencial de predisposições e capacidades que, ao longo de sua vida, lutam por desenvolver-se. Esse princípio fundamenta toda a prática educativa.

Dessa forma, procura-se estabelecer uma relação harmônica entre desenvolvimento e aprendizagem, fazendo confluir a dinâmica interna da pessoa com a ação pedagógica direta, ou seja, integrando os processos de desenvolvimento individual com a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada. O papel do educador, nessa perspectiva, é acolher as diferenças e perceber o sujeito além do cognitivo, desenvolvendo o processo de ensino e aprendizagem relevando os aspectos sociais, culturais, cognitivos, espirituais e afetivos.

No caso da formação, esta visão se dirige a todos os envolvidos. Só quem tem a certeza da existência da própria essência e do valor de seus atos e esforços de superação para o todo consegue enxergar a essência muitas vezes encoberta no outro, nos colegas e nas pessoas que atende.

Desta maneira, a estrutura metodológica do curso Mainumby busca despertar e mobilizar em cada participante o potencial latente: no grupo docente e nos estudantes e futuramente com as crianças, para que possam atuar no mundo de acordo com quem vieram para ser em sua essência.

Realizar uma viagem é bem diferente de ouvir o relato sobre uma viagem. O Mainumby não quer transmitir conhecimentos prontos, mas proporcionar que todos se ponham em movimento internamente, vivenciem e façam descobertas. Um viajante com interesse abre todos os seus sentidos, valoriza encontros e tro-

cas com outros, realiza registros e cultiva reflexões e tem uma experiência muito mais rica e transformadora do que um viajante desinteressado.

Neste sentido, o curso Mainumby intenciona despertar ao máximo a consciência da corresponsabilidade dos participantes na própria construção do conhecimento e na autotransformação. Para levar algum conteúdo, o grupo docente estuda e mergulha profundamente no assunto e o transforma em vivências para que os participantes possam se colocar dentro da situação e para que, a partir disso, as ideias próprias possam aflorar.

Considerando os aspectos acima, três são os princípios que estruturam a metodologia do Mainumby: a) o cerne espiritual de todo ser humano; b) a interdependência entre desenvolvimento individual/espiritual e experiência humana cultural; c) dialogicidade do ato educativo.

Com o propósito de tornar mais claro o dito até aqui, traremos, no próximo item, uma síntese ilustrativa desenvolvida na última edição do curso de formação de educadores sociais Mainumby.

6. Os eixos terra, água, ar e fogo no Mainumby

O 'inédito-viável' é, na realidade, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um 'percebido destacado' pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade (Nita Freire, 2020, p. 279).

Na Pós-graduação em Educação Comunitária Mainumby (2024 – 2026), os eixos temáticos estruturantes são os elementos terra, água, ar e fogo, representando diversos aspectos da vida humana em transformação e em relação com o mundo. Cada eixo é trabalhado durante um semestre por meio dos temas Pertencimento (terra/espço), Desenvolvimento humano (água/tempo), Ferramentas Pedagógicas (ar/relações) e Formação Comunitária (fogo/individualidade e comunidade). Cada tema é subdividido em quatro módulos de final de semana (sábado e domingo), novamente relacionados aos quatro elementos. Pertencimen-

to⁶: Geografia do Brasil (espaço), História do Brasil (tempo), Culturas e Religiões do Brasil (relações) e Diversidades (individualidades); Desenvolvimento Humano: 0 a 7 anos, 7 a 14 anos, 14 a 21 anos, fase adulta; Ferramentas Pedagógicas: Observação de crianças e jovens, Ritmos e Festas, Arte como Ferramenta e Inclusão; Formação Comunitária: Estruturas regionais da Assistência Social e Políticas Públicas, Trimembração do Organismo Social, Trabalho com as Famílias e Arte Social.

Cada semestre é concluído com uma imersão de três dias em ambiente verde e com o propósito de trabalhar na natureza, conhecer e realizar trabalhos comunitários e desenvolvimento interior. Todo módulo conta, também, com aulas de arte para apresentar e exercitar diversas habilidades: aulas de música (início do dia para afinar a disposição), movimento (final do dia para digerir os conteúdos e relaxar) e artes plásticas e visuais (relacionadas aos eixos: artes tridimensionais, artes da linha, artes da cor e contação de histórias).

Todo semestre os participantes realizam um portfólio com registros das aulas, tendo um foco em consonância com os eixos: materialidade criativa, narrativas criativas, observação da prática pedagógica e relatos da própria autotransformação. A intenção pedagógica que fundamentou a escolha pelo uso do portfólio em cada semestre está diretamente ligada à metodologia. Este recurso é uma estratégia que possibilita a visualização prática do trabalho realizado e revela o impacto do contato do aprendiz com o processo de aprendizagem atuando no Eu de cada aluno, a partir do que foi apresentado por meio dos conteúdos de cada eixo.

A vivência do elemento terra é uma experiência sensorial, requer envolver o tato, a audição, a visão, cheiros e sabores. Não basta receber informações teóricas sobre a geografia, a história, as culturas e religiões, a diversidade humana. É preciso fazer parte, colocar-se dentro, sentir e saber-se pertencente a esses temas. No curso Mainumby, os estudantes moldaram o planeta Terra com argila, pisaram descalços sobre uma trilha imitando diversos biomas, caminharam pelo

6. O relato de experiência sobre como os temas do Pertencimento foram trabalhados na Pós-graduação em Educação Comunitária: Mainumby foi publicado na *Revista Jataí*, vol. 6: “Pertencer ao Brasil: Vivências e reflexões na Pós-Graduação em Educação Comunitária Mainumby”. Disponível em: https://frs.edu.br/wp-content/uploads/2024/10/Jatai-6_ebook.pdf. Acesso em: 24/05/2025.

bairro e construíram maquetes a partir de observações feitas. Eles reconstruíram e encenaram episódios da história brasileira, vivenciando suas qualidades e feridas, sob pontos de vista diversos. Foram convidados representantes de várias religiões e aconteceram encontros reais entre pessoas, que, ao ouvirem-se mutuamente, perceberam-se e se reconheceram.

Vivenciar por meio do elemento água significa acordar para os fluxos da vida e do tempo. A água transforma tudo em história, em narrativa. No curso, foram propostas vivências relativas a diversas passagens biográficas; os alunos puderam fazer conexões com momentos e aspectos de suas vidas e ressignificá-las. Foram lembradas e criadas narrativas do brincar de antigamente e de cenas das infâncias de hoje; foram vividas situações desafiadoras e de superação e foram encenados os propósitos de vida de cada um em busca de sua melhor versão.

Adentrar no âmbito do ar é chegar no mundo das inspirações, mas, para viver neste, é preciso criar uma corda (certamente bamba) que conduz pelo ar. Nas vivências e exercícios propostos para esta esfera, os alunos do Mainumby são levados à descoberta de que aprender a observar e a reconhecer as potencialidades e fragilidades de uma criança, de um jovem; aprender a criar ritmos harmônicos de acordo com cada situação, a usar as artes como ferramenta, enfim, a encontrar caminhos que favoreçam o desenvolvimento tem princípios, mas não tem receitas. No âmbito do trabalho educacional, a ausência de “receitas” é crucial. Isso porque cada situação é única, exigindo uma abordagem flexível e adaptada às necessidades específicas dos indivíduos e comunidades em seus respectivos contextos. É preciso aprender a lançar-se em um mundo de incertezas, mas também a construir a confiança de que toda busca verdadeira revela caminhos.

A esfera do elemento “fogo” diz respeito à autotransformação e à decisão de querer colocar esta a serviço do contexto social em que se vive. Isso requer estar bem ancorado na realidade do mundo, ou seja, no contexto da formação para Educadores Comunitários, conhecer potencialidades e carências do território e, ao mesmo tempo, cultivar a visão da “estrela guia”, ou seja, fortalecer-se com as metas e propósitos espirituais que apoiam a construção de um mundo melhor. Requer aprender técnicas de comunicação pacífica, exercitar a calma e o equilíbrio interior e perceber que toda construção humana e coletiva pode se tornar uma obra de arte.

Tabela I – Organização dos eixos e conteúdos da experiência que aconteceu no curso de Pós-graduação *lato sensu* em Educação Comunitária Mainumby (2024 a 2026).

		Terra	Água	Ar	Fogo
	Eixos	Temas			
Terra	Pertencimento	Geografia do Brasil	História do Brasil	Culturas e Religiões do Brasil	Diversidade
Água	Desenvolvimento Humano	0 a 7 anos	7 a 14 anos	14 a 21 anos	fase adulta
Ar	Ferramentas Pedagógicas	Observação da criança / jovem	Ritmos, cultivo das festas	Atuação das artes	Inclusão
Fogo	Formação Comunitária	Estruturas e equipamentos institucionais	Trimemoração do organismo social	Trabalho com as famílias	Arte social

Fonte: os autores.

Este relato de experiência ilustra bem os princípios norteadores da formação de educadores sociais Mainumby, o compromisso em atender às necessidades dos educadores e empoderá-los em seus potenciais a partir dos seus saberes.

Palavras finais: a busca deve continuar

O presente artigo compartilha a experiência, os princípios e a metodologia utilizados no curso de formação para educadores Mainumby. Pode-se perceber, por meio de uma robusta trajetória, que esse percurso pedagógico carrega, em sua essência, o compromisso com a promoção do desenvolvimento do ser humano. Retomando os esboços de Steiner, podemos constatar que a Formação Mainumby sempre buscou estar alinhada aos desafios enfrentados pelos educadores e suas comunidades, para que pudessem vivenciar a reflexão de que uma escola não deve ser apartada da vida, mas sim inserida nela, envolvendo toda a comunidade e, sobretudo, preparando os estudantes para a vida de forma ampla. Em sua essência, o curso promove espaços de aprendizagem que permitem que os educadores se descubram e desabrochem como individualidades criativas dentro de contextos coletivos a serviço do desenvolvimento das crianças e jovens. Uma aluna relata que:

A metodologia deste semestre, ao tratar do ‘Desenvolvimento humano entre luz e sombras’, ajudou a refletir sobre os aspectos positivos e negativos do crescimento humano. Misturando teoria e prática, foi possível entender como diferentes momentos da vida afetam nossas escolhas e relacionamentos. Essa abordagem incentivou o autoconhecimento e o crescimento pessoal, trazendo um aprendizado mais completo e profundo sobre as complexidades da vida (A1, 25 anos, estagiária)⁷.

O curso apresenta aos alunos uma possibilidade de repertórios vivenciados que podem contribuir para uma prática pedagógica que nasce a partir do conhecimento, das habilidades e da sensibilidade do educador. Assim, o Mainumby visa fortalecer os educadores para que possam atuar com autenticidade, sempre buscando um conhecimento amplo que abrange desde geografia, história e cultura brasileira até a compreensão do desenvolvimento humano à luz da antropologia antropológica. A convivência com perguntas e pontos de vista diversos auxilia no desenvolvimento interior e na inserção ativa na vida. O desenvolvimento de habilidades artísticas amplia seus repertórios de práticas e pode ajudar os educadores a apoiar seus alunos, como mostra o depoimento a seguir:

Quando iniciei o curso Mainumby, tinha pouco estudo com educação comunitária. Já havia trabalhado com oficinas livres para crianças em serviço de assistência social, mas tinha bastante dificuldade em lidar em alguns casos. Não entendia por que, apesar do meu esforço, não conseguia desenvolver as aulas. A partir das experiências e vivências ao longo do curso, fui percebendo como algumas atitudes minhas influenciavam os estudantes. Assim, após buscar um entendimento pessoal, sinto que estou mais confiante nas minhas ações, percebi outras formas de atuar e ampliei a minha maneira de observar (A2, Professor, 41 anos).

Podemos concluir que o trabalho de pesquisa da Formação Mainumby revela uma metodologia em movimento constante e que apresenta uma contribuição para a Educação Comunitária, a Educação Popular e o cenário educativo

7. Os depoimentos de alunos, denominados apenas como A, foram enumerados e acrescidos de idade e profissão, mantendo, assim, o caráter anônimo dos participantes.

em geral no Brasil e no mundo, pois pode ser replicada em qualquer lugar, desde que seu processo pedagógico esteja alinhado com os desafios e as especificidades culturais e geográficas do território em que será desenvolvida. É uma valiosa ferramenta para o fortalecimento de comunidades, oferecendo instrumentos para a construção de uma sociedade mais pacífica e harmoniosa.

Encerramos este texto com a esperança de que a Educação Comunitária possa dialogar cada vez mais com outras pedagogias populares e levar as ferramentas que brotam dos conhecimentos antroposóficos para além de ambientes elitizados. Que a partilha desta experiência e seus movimentos de permanente busca possam tocar os corações dos leitores, conscientizando-os de que a vida é um constante movimento que pede que sigamos abertos aos encontros que possibilitam o crescimento e o fortalecimento do ser humano.

Referências:

BACH, J.; VEIGA, M.; STOLTZ, T. Educação, liberdade e sociedade em Paulo Freire e Rudolf Steiner. **Educação em Revista**, Marília, v. 13, n. 1, p. 47-62, jan./jun., 2012. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/2807>. Acesso em: 11 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2020.

KIERSCH, J. **Freie Lehrerbildung - eine Utopie?** Die vier entwürfe Rudolf Steiners. Stuttgart: Freies Geistesleben, 2021.

A LENDA do maynumbi: lenda indígena Guarany. **Movimento Pindorama**. Disponível em: <https://pindorama.art.br/file/LendaMainumby.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

ROTERMUND, S; SILVA, P.; MENEZES, J. A. Monte Azul: a busca por um transformar possível. **Revista Jataí**, São Paulo, v. 4, p. 13-43, 2022. Disponível em: <https://jatai.frs.edu.br/revista/article/view/91>. Acesso em: 11 set. 2025.

ROTERMUND, S; SILVA, P; MENEZES, J. A. Educação comunitária na Monte Azul: sementes para a tecitura de uma sociedade mais saudável. **Revista Jataí**, São Paulo, v. 5, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://jatai.frs.edu.br/revista/article/view/111>. Acesso em: 11 set. 2025.

ROTERMUND, S; SANTOS, J. A; LIMA, J; COUTINHO, R. Pertencer ao Brasil: vivências e reflexões na pós-graduação em Educação Comunitária Mainumby. **Revista Jataí**, São Paulo, v. 6, p. 134-162, 2024. Disponível em: <https://jatai.frs.edu.br/revista/article/view/148>. Acesso em: 11 set. 2025.

STEINER, R. **Antropologia meditativa**: contribuições à prática pedagógica. 2. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2016.

STEINER, R. **A arte da educação I**: o estudo geral do homem: uma base para a Pedagogia Waldorf. 7. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2022.

STEINER, R. **Três palestras sobre pedagogia popular**: nova orientação do ensino no sentido de uma vida espiritual livre. Tradução Carlos Lira. São Paulo: Hífen Editora, Círculo das Artes, 2020.

VAN HOUTEN, C. **Erwachsenenbildung als Willenserweckung**. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1993.